

# TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA  
E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

---

VOL. XI — FASC. 3-4  
(NOVA SÉRIE — DA SOCIEDADE E DO CENTRO)

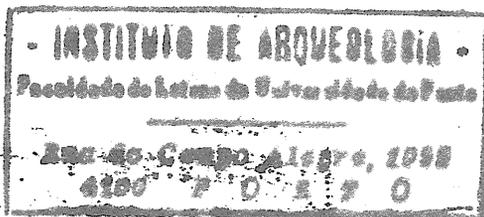
---



PORTO — 1948

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA — Faculdade de Ciências

17. ABR. 1988



## Notas antropológicas sobre dois portugueses do século XV

(João de Albuquerque e sua mulher D. Helena Pereira)

POR

HUGO DE MAGALHÃES

Assistente do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto

O estudo antropológico das figuras notáveis da História pátria apresenta um interesse que não é de mais encarecer, pois pode-nos levar a rectificar juízos expostos pelos historiadores e, também, a aclarar certos atributos psicológicos dessas mesmas figuras.

Dentre os elementos de que se pode lançar mão para tal finalidade, figuram os restos osteológicos (evidentemente quando a sua autenticidade está bem documentada), os registos iconográficos, os quais, sendo de autor de comprovada meticulosidade, podem muito esclarecer o investigador, ou ainda atributos de uso pessoal tais como vestuário, armas, etc. Contudo as conclusões tiradas com o auxílio destes últimos conduzem sempre a resultados muito contingentes.

A existência dum esqueleto bem conservado e ao mesmo tempo uma iconografia (em mais de uma posição) da mesma personagem, permitiriam ao investigador reconstituir com fidelidade o tipo físico do indivíduo em questão. O esqueleto dar-nos-ia os elementos métricos, enquanto que a iconografia forneceria os caracteres da morfologia externa que completariam aqueles; e daí a possibilidade de se estabelecer, no ponto de vista raciológico, o tipo do indivíduo.

Podem alguns estranhar dizer-se que há correlação entre os caracteres físicos e caracteres psíquicos, mas o certo é que há quem afirme que essa correlação existe (1): As raças distinguem-se tanto por uns desses caracteres como pelos outros.

Que saibamos só foram feitos estudos deste género, em pequeno número de figuras históricas. Lembram-nos as iconografias de Afonso de Albuquerque (2), de Nuno Álvares Pereira (3), de D. Manuel I (4), além de estudos osteológicos sobre Luís de Camões e outros (5).

Na presente nota faz-se o estudo antropológico duma personagem, guerreiro de século XV, e de sua mulher. Os registos epigráficos apresentam aquele como descendente do melhor sangue português: os Cunhas pela linha paterna e os Albuquerque pela materna. Era filho de Pero Vaz da Cunha e de D. Teresa de Ataíde; neto paterno de Vasco Martins da Cunha e de sua segunda mulher D. Teresa de Albuquerque de onde lhe vem o apelido (6).

Foi casado com D. Helena Pereira, filha de João Álvares Pereira, que esteve no cerco de Tânger, e de D. Leonor de

(1) Madisson Grant — *Le declin de la grande race* — Paris, 1926. Mário F. Canela — *Principi di psicologia razziale* — Bologna, 1941, etc.

(2) Costa Ferreira — *Breve estudo antropológico de um retrato de Albuquerque* — «Terra Portuguesa», 1, Lisboa, 1916.

(3) Mendes Corrêa — *O retrato de Nuno Álvares* — «Revista dos Liceus», n.º 7, Porto, 1916; *Id.* — *Um pretense vencedor de Aljubarrota* — «A Medicina Moderna», Porto, 1918.

(4) Júlio Dantas — *Iconografia manuelina* — Lisboa, 1912.

(5) *Id.* — *Os ossos de Camões* — Lisboa; *Id.* — *Caveiras de Princesas* — «República», n.º 397, Lisboa.

(6) Cordeiro de Sousa — *Referências às Canárias no túmulo de João de Albuquerque* — «Bol. da Soc. de Geog. de Lisboa», n.ºs 11 e 12 da 6.ª Série, Lisboa, 1945.

Melo, filha do Senhor de Castanheira. Teve três filhos: o almirante do Reino, Pedro de Albuquerque; Lopo de Albuquerque, embaixador de D. Afonso V em Roma, e Henrique de Albuquerque, Senhor de Angeja, que casou com D. Catarina Henriques, filha do Senhor das Alcáçovas.

Sabido o papel que tiveram na etnogenia do Povo português, os Celtas, Suevos, Visigodos, Normandos, os Cruzados e mercadores germânicos, cavaleiros cristãos da Reconquista, etc., etc., não nos repugna admitir a origem exótica (nórdica?) dos avoengos de João de Albuquerque.

Mas não antecipemos juízos; vejamos antes o que nos indica o exame osteológico dos seus restos mortais.

\*

Por iniciativa da subsecção de escavações e antiguidades da Junta Nacional de Educação, da presidência do Prof. Dr. João Pereira Dias, foi trasladado da Igreja de S. Domingos de Aveiro — Sé Catedral — para o Museu da mesma cidade, o sepulcro que contém os restos mortais de João de Albuquerque e de sua mulher D. Helena Pereira.

Aproveitando essa oportunidade foi, pela mesma Junta, solicitado ao Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, da direcção do Prof. Mendes Corrêa, o exame antropológico das ossadas referidas.

O ilustre epigrafista Sr. Cordeiro de Sousa encarregou-se da interpretação da inscrição gótica que circunda o referido túmulo <sup>(1)</sup>.

Este, que já havia sido aberto para a condução da tampa para o Museu, a fim de facilitar o transporte, encerrava as ossadas de dois indivíduos, que o simples exame preliminar mostrou pertencerem a sexo diferente.

---

(1) Cordeiro de Sousa — *Obr. cit.*

Tanto um como o outro apresentavam alguns ossos partidos e a coloração do crânio masculino e respectivos ossos longos era mais clara, ao contrário dos do feminino que tinham cor escura.

Sabe-se que, por várias vezes, o túmulo foi mudado de lugar <sup>(1)</sup> e é de supor que sempre tivesse sido aberto, provavelmente pelas mesmas razões, e que mãos curiosas revolvessem as ossadas à procura de qualquer despojo de valor, ocasionando que os restos mortais do valoroso soldado de D. Afonso V e de sua mulher, se encontrassem no estado de confusão actuais.

Tendo-nos tocado a nós a tarefa do estudo antropológico das ossadas, procedemos ao exame destas, uma vez colocado o túmulo no lugar definitivo no claustro do Museu.

Dos resultados a que chegamos vimos fazer a resenha nesta nota. Igualmente tivemos ensejo de fotografar os crânios. Em tudo fomos amavelmente coadjuvados pelo distinto Director do Museu, Sr. Dr. Alberto Souto, que nos concedeu todas as facilidades, assim como pelo restante pessoal: aqui lhes testemunhamos os nossos agradecimentos.

\*

O crânio masculino apresentava um bom estado de conservação e, como dissemos, uma coloração clara; os ossos da caixa craniana de grande espessura, assim como elevada densidade; norma vertical entre o ovóide e brisóide; fenozígio; suturas quase sinostosadas menos junto ao astério e ao bregma; glabela bem saliente assim como as arcadas supraciliares; bossas frontais pouco nítidas; órbitas de contorno rectangular e com o diâmetro

---

(1) Ferreira Neves — *O túmulo de João de Albuquerque em Aveiro* — «Arquivo do Distrito de Aveiro», n.º 14, 1938.

maior inclinado; abertura piriforme estreita e com goteiras pouco nítidas; malares salientes e rugosos; maxilar superior com um único alvéolo (canino esquerdo), encontrando-se os restantes reabsorvidos; arcada palatina em forma de U; occipital com a região infaca bastante saliente e o ínton e sulcos bem nítidos; buraco occipital coberto um pouco pelos cõndilos; apófises mastóides fortes.

Em norma lateral, notava-se o frontal levemente fugidio e a região obélica curva. As bossas parietais eram salientes e a escama do temporal encontrava-se solta.

A mandíbula era robusta e apresentava os alvéolos reabsorvidos à excepção dos correspondentes aos incisivos; faltavam todos os dentes.

O crânio feminino apresentava um contorno nitidamente ovóide e as suturas quase sinostosadas; arcadas tangentes ao contorno; arcadas supraciliares nulas; órbitas ovais e inclinadas; abertura piriforme bem desenhada, larga e sem goteiras; espinha nasal saliente; região malar pouco proeminente; maxilar superior com os alvéolos bem desenhados, mas faltando todos os dentes; arcada palatina parabólica.

Em norma lateral notava-se alguma frontalização; regiões metópico-glabelar recta, lambda-ínton saliente e bregmática plana; bossas parietais um pouco salientes.

Maxilar inferior sem dentes, mas com alvéolos nítidos, dos incisivos, caninos e primeiro molar esquerdo.

Os ossos deste crânio apresentavam pequena espessura e muito mais leves relativamente aos do masculino, o que lhe dava um aspecto franzino. Parte do temporal esquerdo e do esfenoidal estavam destruídos.

Tanto num como no outro esqueleto os ossos longos não apresentavam qualquer carácter particular, a não ser a mesma coloração dos respectivos crânios. O esqueleto masculino estava

melhor conservado do que o feminino; naquele as cristas de inserção muscular eram muito desenvolvidas.

Os caracteres métricos que registamos, no crânio e face, foram :

	♂	♀
Diâmetro ântero-posterior máximo . . . . .	199 mm	178 mm
» transverso máximo . . . . .	147 »	413 »
» vertical basi-bregmático. . . . .	139 »	122 »
» bizigomático . . . . .	143 »	120 »
» basi-nasal. . . . .	112 »	90 »
» frontal mínimo . . . . .	103 »	84 »
» » máximo . . . . .	121 »	106 »
Altura facial superior . . . . .	70 »	67 »
» nasal . . . . .	57 »	56 »
Largura nasal . . . . .	24 »	26 »
Comprimento da órbita . . . . .	43 »	39 »
Largura da órbita . . . . .	37 »	35 »
Comprimento do buraco occipital . . . . .	38 »	33 »
Largura do buraco occipital . . . . .	31 »	28 »
Comprimento do palatino . . . . .	40 »	39 »
Largura do palatino. . . . .	37 »	36 »
Curva horizontal. . . . .	540 »	464 »
» sagital. . . . .	384 »	362 »
» násio-bregma. . . . .	131 »	126 »
» bregma-lambda . . . . .	120 »	100 »
» lambda-opístio . . . . .	133 »	136 »
Largura bimaatóide . . . . .	113 »	96 »
Ângulo facial de Francfort . . . . .	92°	83°
Comprimento da mandíbula . . . . .	80 mm	68 mm
Largura bicondíliana . . . . .	135 »	120 »
» bigoníaca . . . . .	116 »	91 »
» do ramo . . . . .	40 »	29 »
Altura do corpo mandibular . . . . .	25 »	21 »
» sínfisiana . . . . .	29 »	23 »
» do ramo. . . . .	70 »	55 »
Ângulo mandibular . . . . .	114°	112°

	♂	♀
Índice cefálico . . . . .	73,8	75,8
» vértico-longo . . . . .	69,8	68,5
» » transverso . . . . .	95,9	91,0
» transverso fronto-parietal . . . . .	70,0	62,6
» orbitário . . . . .	86,0	89,7
» nasal . . . . .	42,1	46,4
» do buraco occipital . . . . .	81,6	87,8
» facial superior . . . . .	48,9	55,8
» do palatino . . . . .	92,5	92,3

e nos ossos longos esquerdos:

**Úmero**

Comprimento máximo . . . . .	330 mm	284 mm
» fisiológico . . . . .	326 »	281 »
Diâmetro máximo ao meio da diáfise . . . . .	30 »	20 »
» mínimo » » » » . . . . .	25 »	16 »
» sagital da epífise superior . . . . .	52 »	39 »
» transverso da epífise superior . . . . .	55 »	37 »
Perímetro mínimo . . . . .	81 »	56 »
Índice de robustez . . . . .	24,5	19,7
» da cabeça . . . . .	105,7	94,4
» do meio da diáfise . . . . .	83,3	80,0

**Rádio**

Comprimento máximo . . . . .	251 mm	218 mm
» fisiológico . . . . .	242 »	210 »
Diâmetro sagital . . . . .	13 »	10 »
» transverso . . . . .	52 »	39 »
Índice de robustez . . . . .	21,0	18,5
» da secção ao meio da diáfise . . . . .	68,4	83,3

**Cúbito**

Comprimento máximo . . . . .	269 mm	248 mm
» fisiológico . . . . .	245 »	218 »

	♂	♀
Diâmetro sagital ao meio da diáfise . . . . .	15 mm	10 mm
» transverso ao meio da diáfise . . . . .	20 »	14 »
Perímetro mínimo . . . . .	49 »	36 »
Índice de robustez . . . . .	21,4	18,5

#### Fémur

Comprimento máximo . . . . .	472 mm	400 mm
» em posição . . . . .	469 »	397 »
Diâmetro sagital ao meio da diáfise . . . . .	32 »	22 »
» transverso ao meio da diáfise . . . . .	29 »	24 »
» sagital sub-trocanteriano . . . . .	31 »	30 »
» transverso trocanteriano . . . . .	37 »	23 »
Perímetro ao meio da diáfise . . . . .	100 »	82 »
Índice de robustez . . . . .	21,3	20,6
» » platimeria . . . . .	83,7	76,6
» da secção ao meio da diáfise . . . . .	90,6	91,6

#### Tíbia

Comprimento máximo . . . . .	393 mm	346 mm
» fisiológico . . . . .	347 »	328 »
Diâmetro sagital ao meio da diáfise . . . . .	33 »	23 »
» transverso ao meio da diáfise . . . . .	26 »	22 »
Perímetro mínimo . . . . .	85 »	67 »
Índice de robustez . . . . .	25,4	20,4
» da secção ao meio da diáfise . . . . .	78,7	95,6

#### Peróneo

Comprimento máximo . . . . .	380 mm	336 mm
Diâmetro máximo ao meio da diáfise . . . . .	19 »	14 »
» mínimo » » » » . . . . .	14 »	10 »
Perímetro mínimo . . . . .	63 »	38 »
Índice de robustez . . . . .	14,0	11,3
» da secção ao meio da diáfise . . . . .	73,6	71,4
Capacidade craniana . . . . .	1.783,4 cc	1.347,2 cc
Estatuta calculada . . . . .	170,0 cm	55,9 cm

As dimensões da caixa craniana, no indivíduo masculino, excedem as do tipo médio do português; com efeito os três diâmetros ortogonais ultrapassam as médias calculadas para os Portugueses (1). Em algumas das outras medidas, também, há valores superiores às médias, como se verifica, por exemplo, no frontal, o que denota, no crânio estudado, uma frente muito ampla. O diâmetro bizigomático é superior à média, e mais notável é esse carácter, devido à pequena altura da face.

O crânio feminino é, em todas as suas características métricas, mais concordante com o tipo médio do português feminino.

Pela análise dos índices vemos que, quanto ao cefálico, tanto o masculino como o feminino se aproximam dos valores calculados por A. Basto (3), mas aquele ultrapassa na dolicocefalia a média dos Portugueses. No vertical são inferiores e no facial superior coincide com os valores de Barros e Cunha, E. Tamagnini (4) e A. Ataíde (5) o feminino, sendo o masculino inferior (eurieno). Este é baixo relativamente ao comprimento (cameocéfalo), enquanto que o Português é ortocéfalo, isto é, o crânio estudado tem uma menor proporcionalidade entre o comprimento e a altura. Embora o índice facial total não fosse determinado, devido à dificuldade de avaliar a altura facial total no esqueleto, a simples inspecção revela-nos uma mesoprosopia nítida, ao contrário da leptoprosopia característica dos Portugueses.

---

(1) Ferraz de Macedo — *Crime et Criminel* — Lisboa.

(2) Mendes Corrêa — *Os Povos Primitivos da Lusitânia* — Porto, 1924.

(3) Álvaro Basto — *Índices cefálicos dos portugueses* — «Instituto», Coimbra, 1897.

(4) Barros e Cunha — *O índice facial superior nos portugueses* — «Rev. da Fac. de Ciências de Coimbra», Coimbra, 1914; Eusébio Tamagnini — *Idem*, «Revista da Faculdade de Ciências», vol. III, Coimbra, 1933.

(5) Alfredo Ataíde — *Sobre algumas correlações faciais* — «Trabalhos da Soc. Portug. de Antr. e Etn.», I, Porto, 1920.

Quanto ao índice nasal o valor encontrado é inferior à média de M. de Melo (1) no masculino; coincidente no feminino. O índice orbitário concorda com as médias calculadas para os Portugueses.

O valor do ângulo de Francfort, muito elevado no crânio masculino, coloca este entre os de maior ortognatismo da Europa: Felismino Gomes (2) determinou 86°,35 e 86°,15 para os Portugueses masculinos e femininos respectivamente.

Em suma o crânio masculino é: *dolicocéfalo, cameocéfalo, metriocéfalo, eurimetópico, hipsicônquico leptorrino, eurieno*; o feminino é: *mesocéfalo, cameocéfalo, tapeinocéfalo, estenometópico, hipsicônquico, leptorrino e lepteno*.

O crânio masculino, excluindo a acentuada eurienia que lhe dá uma certa desarmonia crânio-facial, aproxima-se do tipo médio do Português actual; o contorno quase ovóide e também o ortognatismo elevado assim como a alta capacidade craniana conferem-lhe lugar bem marcado entre o tipo português do norte (3). O crânio feminino, além duma leve tendência para a mesaticefalia, não apresenta características especiais.

No esqueleto dos membros o comprimento dos ossos longos masculinos ultrapassa as médias do Português (4), coincidindo, em geral, no feminino.

Analisando os valores encontrados verifica-se que o esqueleto masculino apresenta uma grande robustez e alta estatura; esta

(1) Mascarenhas de Melo — *O índice nasal dos portugueses* — «Instituto». Coimbra, 1901.

(2) Felismino Gomes — *O prognatismo dos Portugueses* — Coimbra, 1914.

(3) Mendes Corrêa — *Os Povos Primitivos da Lusitânia* — Porto, 1924.

(4) Id. — *Osteometria portuguesa* — «Anais da Fac. de Ciênc. do Porto», Porto, 1918 e segs.; Id. *Estatutura e índice cefálico em Portugal* — «Arq. da Rep. de Antrop. Crim. Psic. Exp. e Id. Civil do Porto», II, Vila do Conde, 1932.

calculada pelo método de Manouvrier <sup>(1)</sup>, a partir dos ossos longos, dá para o masculino sensivelmente 1,70 m., valor que ultrapassa a média do Português <sup>(2)</sup>, e para o feminino cerca de 155,9 m. que se aproxima mais do tipo médio da mulher portuguesa.

\*

O exame dos caracteres descritivos e métricos das ossadas estudadas leva-nos imediatamente à conclusão, como já notamos, de que estamos em presença de dois esqueletos de sexo diferente, pertencendo o masculino a um indivíduo robusto de estatura superior à média e dolicocefalia e cameoprosopia acentuadas, o que revela uma desarmonia crânio-facial notável. Além disso apresenta um elevado ângulo facial de Francfort e uma alta capacidade craniana.

A existência destas características leva-nos a colocar o exemplar estudado entre os tipos cromagnonóides, o que, a confirmar-se, viria talvez apoiar a suposição, posta por nós no início desta nota, da existência de sangue nórdico na pessoa de João de Albuquerque. Com efeito o exemplar afasta-se do tipo médio do ibero-insular que representa a sub-raça dos Portugueses actuais.

Reveste-se aqui de uma importância excepcional a falta duma iconografia colorida de João de Albuquerque porque se a mesma existisse e nos revelasse a pigmentação clara dos cabelos e olhos, não teríamos receio de afirmar a sua origem nórdica. Sem esse elemento, unicamente podemos pôr a hipótese de tal identificação.

---

(1) R. Martin — *Lehrbuch der Anthropologie* — Jena, 1938.

(2) E. Tamagnini — *Sobre a distribuição geográfica de alguns caracteres fundamentais da população portuguesa actual* — «Revista da Fac. de Ciênc.», vol. II, Coimbra, 1932.

Com a ossada de indivíduo de sexo feminino, já outro tanto não acontece, pois pode-se bem enquadrar no tipo médio da ibero-insular.

Outra consequência curiosa do exame antropológico das ossadas é a confirmação das datas documentais que indicam a morte de João de Albuquerque na provecta idade de, aproximadamente, 80 anos (1); na verdade, o grau avançado de sinostose das suturas e a ausência dos dentes, com os respectivos alvéolos totalmente reabsorvidos, confirmam a avançada idade do morto.

Também a inscrição epigráfica do túmulo dá a morte de D. Helena Pereira como ocorrida 15 anos antes da do marido (2). De facto, o aspecto que apresenta o esqueleto feminino, parece indicar que o corpo teria sido inumado em coval raso e, só mais tarde, colocado junto aos restos mortais de seu marido, em respeito, talvez, pelos desejos do destinatário do túmulo.

De facto o esqueleto feminino, como já fizemos notar, apresentava uma coloração escura, resultante, porventura, do contacto prolongado com as substâncias húmidas ou ferruginosas do solo onde teria sido primeiramente sepultado. Além disso, o maior estado de deterioração dos ossos e, também, o facto do crânio apresentar o temporal esquerdo e parte do esfenoideal destruídos, indica que esse esqueleto sofreu um maior número de andanças que o masculino, o que ocasionaria a sua fragmentação actual.

Centro de Estudos de Etnologia Peninsular  
(Instituto de Antropologia da Faculdade  
de Ciências do Porto). 1946.

---

(1) Cordeiro de Sousa — *Obr. cit.*

(2) *Idem — idem.*



Norma anterior



Norma vertical



Norma lateral

Crânio de João de Albuquerque



Norma anterior



Norma lateral

Crânio de D. Helena Pereira